

ACENTUAÇÃO GRÁFICA

Odete Pereira da Silva Menon
Universidade Federal do Paraná

RESUMO

A maioria dos autores de compêndios gramaticais limita-se a repassar para o estudante o texto integral das regras de acentuação gráfica, constantes no Formulário Ortográfico. Ali, o número de casos é extenso, pois destina-se à elaboração do PVOLP — Pequeno Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa — tarefa dirigida a especialistas da língua. Como consequência, os nossos alunos, de todos os níveis, têm muita dificuldade em apreender como e onde devem utilizar os acentos. Assim, neste trabalho, procurou-se sistematizar as ocorrências e agrupá-las em quatro esquemas ou regras, o que facilita o aprendizado, não só para saber de cor, mas para a devida aplicação.

1 Problema Ortográfico.

“— Não existe uma maneira mais fácil para a gente saber quando deve colocar — ou não — acento em uma palavra?”

Essa questão — colocada por pessoas alfabetizadas, de todos os níveis de escolaridade e exercendo funções variadas (secretárias, datilógrafos, redatores, profissionais de nível superior), participantes de Cursos de “Redação Oficial”, promovidos por diversas entidades — levou a uma tentativa de racionalizar as inúmeras regras de acentuação gráfica que aparecem, via de regra, nos manuais de Língua Portuguesa destinados aos alunos de 1.º e 2.º graus. Vale dizer que, na maioria dos casos, os alunos não aprendem a acentuar graficamente as palavras, pois não assimilam a algaravia de

regras. As confusões a que são levadas as pessoas são justificadas, em parte, pelas noções pouco esclarecidas do que sejam acento intensivo e acento gráfico: este serve para marcar, na escrita, sob certas condições, o acento intensivo que toda palavra tônica do Português tem (à exceção dos clíticos ou palavras átonas). Ora, muita gente sabe que a palavra **pêssego**, por ser proparoxítona, deve receber acento circunflexo na terceira sílaba, a contar do final. Contudo, às vezes hesitam na colocação do mesmo: simplesmente acentuam, sem se conscientizar de que a sílaba onde recair o acento será automaticamente lida com maior força. Assim, pode-se encontrar acento colocado na segunda sílaba, o que graficamente está incorreto; mas nenhum falante do português lerá a palavra como paroxítona, mesmo que o acento esteja aí colocado. A consciência lingüística agiu, independentemente do problema gráfico.

Normalmente constatamos o fato de haver alunos que sabem na “ponta da língua” as regras de acentuação, mas que na prática não conseguem aplicá-las corretamente.

2 As regras de acentuação.

Um dado bastante significativo para a não-compreensão dessa matéria por parte dos alunos — e às vezes também dos professores — é o de que os autores de “Gramáticas” limitam-se a transcrever o conteúdo do Formulário Ortográfico (FO), tal qual aparece, por exemplo, nas páginas iniciais do **Aurélio**¹: descrição minuciosa de como escrever as palavras e de como marcar, na grafia, a sílaba tônica — que na linguagem oral é pronunciada com mais força, mais destaque. (Vale lembrar que a palavra é tratada isoladamente, lexicalmente, sem se levar em conta a prosódia da frase — estrutura mínima para efeito de comunicação — uma primeira falha.) É evidente que uma tal colocação das regras só faz complicar o aprendizado, visto que a redação desse texto foi feita por especialistas, não visando ao público comum, mas a uma seleta categoria de técnicos — os gramáticos que, por sua vez, deveriam transmiti-la de maneira mais didática. Foi

1 FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, s.d. p. viii-xii.

que não ocorreu até agora, apesar de algumas tentativas. Ao que consta, dá a impressão de que os autores de gramáticas da língua têm medo de cometer pecado mortal se alterarem o texto original (postura de uma concepção de fidelidade lingüística para não desvirtuar o efeito mágico-religioso das palavras, já há muito esclarecida). Como resultado, o aluno aprende, uma vez mais, a teorizar sobre a língua e não a usá-la.

3 Racionalização das regras.

Após algumas tentativas de simplificar o ensino da acentuação, juntamente com os alunos, surgiu uma idéia: não haveria uma disposição lógica no emaranhado expositivo do FO que permitisse uma apreensão clara do conjunto? Haveria a possibilidade de aplicar um mecanismo de oposições — como já se usa em Fonologia (por exemplo, a descoberta de pares mínimos para identificar fonemas) — com sucesso? A partir dessa hipótese, as regras começaram a ser analisadas e comparadas, procurando-se eliminar as generalizações (mais fáceis de apreender) como a acentuação gráfica das proparoxítonas.

A primeira constatação que surgiu deses exame foi a de que o FO era extremamente minucioso em relação às paroxítonas, como se elas fossem peças importantes, porém isoladas, de um quebra-cabeça e não mantivessem qualquer relação entre si, dada a grande variedade de terminações. Pareceu que ali estava a chave do problema, pois para as oxítonas bastavam duas regras ou três — se incluirmos a dos monossílabos tônicos. A seguir, a cotização entre as oxítonas acentuadas e as paroxítonas do mesmo final (é a parte final da palavra que importa), bem como as oxítonas que não recebem acento, resultou nas primeiras posições positivo X negativo:

- a) palavras terminas em a, e, o, seguidas ou não de s, se oxítonas, recebem acento; se paroxítonas, não;
- b) palavras cujo final seja i ou u, seguidas ou não de s, se oxítonas não são acentuadas; se paroxítonas, sim.

O quadro começava a ser preenchido com os sinais **positivo (+)** para as acentuadas e **negativo (—)** para as não acentuadas ²:

Palavras terminadas em	E E (S) O	I (S) U
OXÍTONA	+	—
PAROXÍTONA	—	+

Para se comprovar o fato de se colocarem as regras num quadro contrastivo, algumas palavras pode ser citadas:

- a) **cará, você e cipó** — oxítonas — são acentuadas;
cara, pires e cepo — paroxítonas — não se acentuam;
- b) **guri, tatu, obus** — oxítonas — não acentuadas;
júri, bônus, bílis — paroxítonas — acentuadas.

E o exame de palavras continuou e até algumas oposições — que pareciam não ter o correspondente negativo nas oxítonas — foram complementadas com a utilização de algumas siglas, dentre as muitas usadas diariamente por milhões de brasileiros: **Cacex, Inamps, Inps** — as duas últimas vieram preencher a lacuna de oxítonas em **-ps**, para fazer frente às paroxítonas com esse final: **bíceps, fórceps** ... O emprego das siglas como exemplo decorre da sua capacidade de constituir palavras desde que contenham sílabas pronunciáveis: até o **INPS**, que deveria ter só uma pronúncia soletrada, tem uma variante /i.'nEps/ ³, graças ao suarabácti ⁴ — tão empregado no Português do Brasil: /a.de.vo.'ga.do/, /'ri.ti.mo/). No caso das finalizadas em **x**, há também

2 O colocação do **s** entre parênteses é de largo uso em formulários, frases-feitas, publicidade dirigida (pelo correio, ou encarte em revistas), a que as pessoas estão bastante acostumadas, e que indica a possibilidade de ser empregado, se necessário: **Prezado(s) Senhor(es): Assinale a(s) resposta(s).** No presente trabalho não é só a desinência do plural: em **bílis**, o **s** não evidencia plural, assim como em **pires**.

3 A pronúncia é representada entre barras /E/ = é.

4 Inclusão de vogal para desfazer encontro consonantal.

um grande número de marcas de produtos, alguns, como **pirex**, já viraram sinônimo do objeto (**pirex** — “qualquer travessa ou tigela de vidro”), embora ainda não dicionarizada. Também existem substantivos monossilábicos **flor** (planta) **Max** (antropônimo), **flux** (fluxo), **lux** (unidade mínima de iluminação), (pouco usado), ou palavras de gíria, já dicionarizadas, como **prafrentex** ⁵.

Outras, por não serem do “espírito” da língua portuguesa, como as oxítonas em **-ON** este ditonga-se em **-ão**: **fr. cupom** **cupão** ou **cupom**,⁶ somaram-se aos substantivos estrangeiros incorporados ao vernáculo — ex: **Leblon**, bairro do Rio —; nenhum brasileiro falará o topônimo acentuando a penúltima sílaba, mesmo não sabendo francês. (Ainda tecidos como **dralon**, **orlon**,⁷ ou **fonfon**) Compara-se com **nêutron**, **próton**, paroxítonas que recebem o acento gráfico.

Para outros casos, como as terminadas em **EM**, **ENS**, **EN**, **UM**, **UNS**, **ONS**, **L**, **R**, ditongo e vogal tildada não há problema:

OXÍTONAS

porém, **alguém**
armazéns, **reféns**
algum, **alguns**
Leblon, **bombons**
revolver, **Nobel**
poluição, **sentiu**
irmã, **aldeã**, **afã** ⁹

PAROXÍTONAS

porem (v. **pôr**), **item**
hifens, **itens** (mas **hifen**) ⁸
álbum, **álbuns**,
cânon, **elétrons**
revólver, **nível**
bênção, **próprio**
imã, **órfã**

Finalmente, o quadro apareceu completo:

Palavras terminadas em	A E(S) O	EM ENS	I U(S)	EN UM UNS	ON ONS	L PS	R X	DIT	Nasal Tildada
Oxítona	+	+	-	-	-	-	-	-	-
Paroxítona	-	-	+	+	+	+	+	+	+

⁵ FERREIRA, p. 1124.

⁶ Ver 7 b.

⁷ Aurélio registra **orlon**, p. 1006, mas **náilon**, p. 961.

⁸ Ver 7 a).

⁹ Ver 6.

Uma rápida visualização do quadro mostra a lógica existente nas regras de acentuação e que não transparece na redação do PVOLP: na realidade temos uma única oposição — acentuam-se graficamente as oxítonas em **A, AS, E, ES, O, OS, EM, ENS** e todas as paroxítonas cujo final não for um dos anteriores.

4 Acentuação dos ditongos e hiatos.

Restava por analisar a marcação gráfica dos encontros vocálicos tônicos. Quanto aos ditongos, só e sempre são acentuados os abertos **ÉI, ÉU** e **ÓI**. Não há dúvida aqui.

Os hiatos, sempre que tônicos, são acentuados sob a condição de estarem isolados na sílaba ou seguidos de **s** (vêm, crêem, vôo, enjôo, saúde, aí, faísca, balaústre, baús, **Chuí, Jáú**).

Em **tainha, bainha, rainha, ventoinha**, o hiato não é acentuado apesar de ficar isolado na sílaba (**ta-i-nha**), por causa da nasalização do fonema, como ocorre em **Caim** ou **ruim** (obs. 1.^a da 4.^a regra de **ACENTUAÇÃO GRÁFICA**).

Obs.: Os hiatos de sílaba átona seguem duas tendências na linguagem oral: se as vogais são idênticas, ocorre a crase — cooperativa /ko.pe.ra.'ti.va/, compreender /kõ.pre.'der/ caatinga /ka.'ti.ga/. Se são vogais distintas, ocorre sinérese (ditongação), visto que eles tendem a se confundir com o ditongo decrescente, isto é, o **i** e **u**, antes vogais, passam a ter realização das semivogais correspondentes — /y/ e /w/: saúde e saudável; poluir e poluição /sa.'u.de/; /saw.'da.vew/; /po.lu.'ir/; /po.luy.'sãw/.

5 A sistematização para o ensino/aprendizagem.

Teríamos, assim, três regras para apreender:

- a) Todas as proparoxítonas são acentuadas.
- b) Acentuam-se, sempre, os ditongos abertos **éu, éi, ói**, e os hiatos tônicos — se isolados na sílaba ou seguidos de **s** (a primeira das vogais idênticas — **vôo, crêem** — e **i** e **u** antecidos de vogal — **Jáú, Chiuí, caíram, país.**).

- c) As oxítonas terminadas em **a(s)**, **e(s)** **o(s)**, **em**, **ens**, são sempre acentuadas, assim como todas as paroxítonas que não apresentarem essas terminações.

Haveria, ainda, uma lista de palavras com acento gráfico dito diferencial, que seria a quarta regra:

- d) Acentuam-se, para maior clareza, as seguintes palavras:
pêlo (“cabelo”); **pélo** (v. pelar); **pólo** (“extremidade” e “jogo”); **pêra** (fruta); **pôr** (v. infin.); **pôde** (p.p.pôr); **têm**, **vêm**, (3.^a p.pl.); **péla** (bola); **pélas** (pl.) **pára** (v. parar).

6 Considerações sobre o til e o trema.

O FO trata da Acentuação Gráfica com a finalidade de que “... satisfaça às necessidades do ensino, — precípuo escopo da simplificação e regularização da ortografia nacional —, e permita que todas as palavras sejam lidas corretamente, estejam ou não marcadas pelo sinal diacrítico, no **Vocabulário** será indicada, entre parênteses, a sílaba ou a vogal tônica e o timbre desta em todos os vocábulos cuja pronúncia possa dar azo a dúvidas”.

Observa-se, assim, que o objetivo do FO não é somente a marca gráfica do acento tônico sob determinadas circunstâncias, mas também e preponderantemente a ortoépia da língua. Misturaram-se a representação gráfica da sílaba tônica, pelos acentos agudo (sobre a vogal aberta) e circunflexo (sobre vogal fechada); a utilização do acento grave que, após a Reforma Ortográfica de 1971, só evidencia o fenômeno da crase (de dois sons vocálicos iguais: a + a), embora anteriormente marcasse também a subtônica; e mais o uso do til e do trema.

Quanto ao til, o FO a ele faz referência, dizendo: “11.^a — Usa-se o til para indicar a nasalização, e vale como acento tônico se outro acento não figura no vocábulo: **afã**, **capitães**, **coração**, **devoção**, **põem**, etc.¹⁰, a que Aurélio B. H. Ferreira

10 FERREIRA, p. x.

contrapõe uma nota: “A ser assim, **crístãmente, romãzeira** e outros derivados de palavra em cuja sílaba final não existe vogal tildada, como p.ex.; **chãmente, crístãzinha, leõezinhos, mãozada**, (citados em XII, 13.^a), seriam todos proparoxítonos.” (p. ix). Porém, não há falante que vá pronunciá-los com o acento na antepenúltima sílaba, uma vez que a tendência do português é acentuar a segunda sílaba (penúltima), ou seja, a maior parte das palavras é paroxitona.

Em relação ao trema, como sua função é marcar graficamente o u pronunciado dos grupos **gu** e **qu**, antes de **e** e **i**, diferenciando-o, portanto, do dígrafo (em que não ocorre sua prolação), não cabe enquadrá-lo como regra de acentuação gráfica pois, mesmo quando o **u** é tônico e o trema substituído pelo acento agudo, ele se enquadrará na primeira regra — a dos hiatos — averigúe, argúis — pois a acentuação força a pronúncia em separado, como **duas** vogais, logo, hiato.

7 Observações finais.

Após essas colocações, restam ainda algumas observações importantes a fazer:

- a) O FO considera o ditongo nasal / $\bar{e} \bar{y}$ / — graficamente representado por **em** ou **en**. No entanto, ele deveria ter relevância quando das regras que dispõem sobre as paroxítonas terminadas em ditongo (**água, colégio, consciência, bênção**, etc.) — o que não ocorre. Um exemplo: a palavra **nuvem** termina em ditongo, é paroxitona, deveria receber o acento. Já a palavra **porém** é acentuada, mas as oxítonas terminadas em ditongo não devem sê-lo. (Cabe observar que Mattoso Câmara considera esse **em** não ditongo, mas semiditongo ou alongamento demasiado da vogal.)¹¹ Outro exemplo, **hífen**, termina com o mesmo ditongo, é acentuada porque graficamente aparece **-en**, contudo, seu plural não tem acento **hífens** —, pois

11 CÂMARA Jr., Jesquim Mattoso. Para o estudo da fonêmica portuguesa. 2.ed. Rio de Janeiro. Padrão. 1977. p. 57.

* O macron (—) equivale ao til.

quem recebe acento com a terminação **ens** são as oxítonas! Um terceiro exemplo, muito mais evidente, são as palavras **bem** (monossílabo tônico) e **põem** (que admite duas realizações /põy/ e /põ.ey/, a última para diferenciar do singular **põe** /põy/). Os monossílabos tônicos, contendo final **em**, não são acentuados, apesar de oxítonos! E **põem**, ao menos na segunda realização, seria paroxítona, acentuada, a valer o til como sinal (se prevalecer seu valor como acento, caso não haja outro sobre a palavra...), enquanto na primeira realização, como oxítona, também teria marca de acento intensivo, contradizendo a regra do FO.

- b) Há palavras terminadas em **m**, tanto oxítonas como paroxítonas, que não são acentuadas, nem umas, nem outras:

OXÍTONAS: bombom, flautim, semitom, capim, batom, amendoim.

PAROXÍTONAS: as formas verbais em **-am**: **amam, devem, partem, amavam, amaram, deveriam, deviam, etc.** (No FO, VIII, DITONGOS, 28, observação 4.^a — uma afirmativa: “Nas formas verbais anoxítonas se escreve **am**: **amaram, deveram, partiram, puseram, etc.**”; contudo, o “Aurélio” não registra a palavra **anoxítona**.)

Isso não causa maiores dificuldades de pronúncia, pois as oxítonas normalmente são substantivos em **-im** e **-om** e as paroxítonas são flexões verbais em **-am** — que é de sílaba átona, porquanto em sílaba forte vai aparecer **-ão**.

- c) Quanto à não-inclusão das palavras **pôlo, polo, pera, pola, péra-fita**, em 5. d), deve-se ao fato de que tais informações não são importantes ao aluno, sob o ponto de vista da comunicação e da economia linguística: para que serve ao aluno de 1.^o ou 2.^o graus saber as preposições arcaicas, se provavelmente nesse estágio ele não toma contacto com textos portugueses antigos?

Da mesma forma, ele dificilmente usará **péra-fita**, a não ser que torne um especialista. E o **pôlo**, então? O aluno tem que aprender uma nova palavra, assimilar seu significado (“Falcão, açor ou condor, de menos de um ano”) que não pertence à nossa realidade cultural, tudo isso para tentar memorizar uma parcela ínfima das regras de acentuação gráfica? Quanto esforço dispendido em vão e que poderia ser canalizado para outros treinamentos de real domínio da língua: entender e se fazer entendido!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 CÂMARA Jr., Joaquim Mattoso. **Para o estudo da fonêmica portuguesa**. 2.ed. Rio de Janeiro, Padrão, 1977. 144 p.
- 2 FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, s.d. 1500 p.